

## **“TEM ESCOLA NO HOSPITAL?”: A FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE NO ATENDIMENTO PEDAGÓGICO HOSPITALAR.**

Autor; Tyara Carvalho de Oliveira. Orientador: Allan Rocha Damasceno.

*(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro- PPGEDUC, tyaramestrado@gmail.)*

**Resumo:** Esse texto amplia a reflexão a respeito da formação de professores, em um contexto social de demandas múltiplas, redefinindo espaços de atuação. Dentre estes, as Classes Hospitalares. Aprofundar a reflexão e o conhecimento sobre a Classe Hospitalar enquanto campo de atuação docente justifica-se na medida em que se observa certo desconhecimento a respeito dos aspectos conceituais e teórico-metodológicos que envolvem essa modalidade de ensino. A relevância de estudos neste campo relaciona-se com a possibilidade de desvelar para os Cursos de Formação de professores, um universo tanto conceitual quanto de atuação. O professor de classe hospitalar desempenha um papel de mediador entre a criança e o hospital; para a criança ou adolescente hospitalizado, o contato com o professor e com a classe hospitalar é uma oportunidade de ligação com os padrões da vida cotidiana e com a vida em casa e na escola. Acrescenta-se ser indispensável o conhecimento das patologias mais frequentes na unidade hospitalar em que atua para saber dos limites clínicos do paciente-aluno. Daí a necessidade de um preparo pedagógico, associado a uma orientação pedagógica específica ao campo de atuação da classe hospitalar. Quanto ao perfil pedagógico educacional, torna-se relevante à adequação à realidade hospitalar, o respeito às potencialidades do aluno, motivando e facilitando sua inclusão no contexto escolar hospitalar. Tal inclusão implica estímulo à criança, tendo o conhecimento como elo entre o desejo de saber e a superação do distanciamento entre as necessidades curriculares e o ambiente hospitalar.

**Palavras-chave:** Classe Hospitalar; Formação de Professores; Atuação docente.

A educação é um processo social que perpassa por toda a vida de um indivíduo, através de diferentes meios e espaços sociais, pois à medida que a sociedade se organizou se expandiu a intencionalidade educativa para diversos contextos contemplando variados meios de formação necessários para o exercício da cidadania. Segundo Libâneo (2004), a educação é um processo integral inserido na prática social, que ocorre em diversas instituições, nos quais os indivíduos estão envolvidos pelo fato de pertencerem a uma sociedade.

De acordo com Brandão (2007 p.7):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. [...] Não há uma forma única nenhum único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática (2007, p.7)

A convivência diária entre os indivíduos, as trocas, as experiências, aprender e ensinar, o transformam em um ser social.

Porém quando se pensa em educação e aprendizagem, o pensamento comum a todos e a imagem da escola “regular”, sua arquitetura, normas, atividades pedagógicas, professores no pátio para receber os alunos, filas, refeitório, sinais sonoros para entrada e saída, provas, notas, aprovação, reprovação, recuperação de fim de ano... Enfim são tantas referências para um lugar no qual as pessoas passam boa parte da vida.

Segundo Libâneo (2010) “... os processos educativos ocorrentes na sociedade são complexos e multifacetados, não podendo ser investigados a luz de apenas uma perspectiva e, muito menos, reduzida ao âmbito escolar”.

De acordo com Pimenta (1997) o Pedagogo/professor como cientista da educação está habilitado a atuar no ensino, na organização, gestão, unidades, projetos, produção e difusão de conhecimento nos diversos setores sociais. Também é preparado para atuar nas esferas de dimensões políticas, ética, estética, artística, técnico, afetiva, entre outras, o que vem de encontro com pensamento de Libâneo (2002).

Num contexto onde as funções e papéis da escola são questionados em sua efetividade, busca-se redimensionar os requisitos e perfis do professor para responder às novas demandas e dimensões da educação em geral e do ensino, em particular. Nessa perspectiva, ações têm sido desenvolvidas no sentido de encontrar um ponto de equilíbrio entre a formação de professores, a prática educativa escolar, a dinâmica do mundo moderno e a busca de um mundo melhor.

As novas possibilidades de atuação docente rompem as barreiras e ultrapassam os muros da escola. Daí a necessidade do professor em diferentes ambientes educacionais localizados fora da escola. Nas empresas, nas organizações não governamentais (ONGs), nos meios de comunicações (jornais, revistas, sites, TV..), nos órgãos sistêmicos (Secretarias, Ministérios) e nos hospitais, esse profissional é requisitado para atender as novas demandas sociais. Nesse contexto observa-se que a função do professor torna-se abrangente para atender as demandas da sociedade.

Então podemos dizer que a função do Pedagogo/professor está relacionada a todas as atividades de aprendizagem e de desenvolvimento humano seja com crianças, jovens, adultos ou idosos, operários

ou funcionários, obedecendo ao perfil da instituição em que se encontram, pois o papel do pedagogo também existe longe da escola.

Essa texto pretende ampliar a reflexão a respeito da formação de professores, em um contexto social de demandas múltiplas, redefinindo espaços de atuação. Dentre estes o atendimento pedagógico educacional no ambiente hospitalar, denominado pelo Ministério da Educação (MEC) como: Classe Hospitalar. Sua ação educativa é regida por dois documentos do MEC intitulados de: Diretrizes Especiais para Educação Especial na Educação Básica (Resolução CNE/CEB nº 2 de 11/09/2001) e Classe Hospitalar e Atendimento pedagógico domiciliar: orientações e estratégias (MEC, 2002).

Segundo as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica - Parecer CNE/CEB número 17/2001, que passou a ter caráter obrigatório a partir de 2002, por esse atendimento entende-se:

Serviço destinado a prover, mediante atendimento especializado, a educação escolar a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar ou atendimento ambulatorial. (BRASIL, 2002 p. 33)

A Classe Hospitalar surgiu de estudos originados da observação, consideração e respeito às necessidades das crianças que devido à problemática de saúde, requeiram hospitalização, independente do tempo de duração da mesma. Estar hospitalizado não é exclusão. A criança e/ou adolescente é um cidadão que tem o direito ao atendimento de suas necessidades e interesses mesmo quando está doente.

Aprofundar a reflexão e o conhecimento sobre a Classe Hospitalar enquanto campo de atuação docente justifica-se na medida em que se observa certo desconhecimento a respeito dos aspectos conceituais e teórico-metodológicos que envolvem essa modalidade de ensino.

### **Formação docente na contemporaneidade**

A sociedade do conhecimento vive uma época de grandes transformações. Modificam-se modelos que sustentam as práxis de variados atores e, conseqüentemente, instaura-se a necessidade de ressignificação de teorias e ações. O processo de ensino-aprendizagem, incluídas aí, todos os ângulos que o constituem e o tangenciam, não escapa a essa revisão paradigmática.

Em especial, Goergen (1998) lembra que a educação é o elemento chave para permitir materializar a esperança de uma sociedade onde a democracia e a participação, cada vez mais efetivas, possam garantir uma melhoria tanto do indivíduo quanto da sociedade. Assim, se a busca de qualidade social depende da escola, inegavelmente é da atuação de bons professores que depende uma boa escola. Nesse sentido, cada País, respeitado o seu contexto e o momento da dinâmica de sua inserção em um mundo cada vez mais plural precisa desenvolver suas próprias estratégias de desenvolvimento e de atendimento e promoção de projetos/programas educacionais cada vez menos estimuladores da discriminação e dos preconceitos.

Num contexto onde as funções e papéis da escola são questionados em sua efetividade, busca-se redimensionar os requisitos e perfis do professor para responder às novas demandas e dimensões da educação em geral e do ensino, em particular. Nessa perspectiva, ações têm sido desenvolvidas no sentido de encontrar um ponto de equilíbrio entre a formação de professores, a prática educativa escolar, a dinâmica do mundo moderno e a busca de um mundo melhor.

A partir dessa premissa, chega-se à proposição de quatro pilares considerados como base da educação para o século XXI. São eles: aprender a viver junto, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a ser.

**Aprender a viver** juntos implica o conhecimento do que a Humanidade já aprendeu acerca de si mesma e da natureza, tudo o que ela criou e inventou de essencial e, a partir daí criar um espírito novo que permita a realização de projetos comuns propulsores de uma sociedade melhor. **Aprender a conhecer** diz respeito à ideia de educação permanente. Nesta, sem que se percam de vista as transformações econômico-sociais e os avanços da ciência, busca-se uma cultura geral o mais ampla possível, que permita o vínculo com o saber/conhecimento, garantindo o gosto pela aprendizagem contínua. **Aprender a fazer** está relacionado com a aquisição de competências mais amplas (relacionamento humano, trabalho em grupo, criatividade, rapidez de raciocínio...) e não apenas aquelas restritas a um determinado desempenho profissional específico. **Aprender a ser** enfatiza a aquisição, atualização e utilização dos conhecimentos com vistas à autonomia e ao discernimento individuais na perspectiva da realização de um destino coletivo. Para que cada um possa assumir esta responsabilidade pessoal há que se desenvolver talentos como memória, raciocínio, imaginação.

Estes pilares visam a contribuir para a renovação de uma “vivência concreta de democracia” e para ultrapassar as tensões inerentes ao século XXI. As principais tensões dizem respeito a: tensão entre o global e o local; tensão entre o universal e o singular; tensão entre as soluções a curto e longo prazos; tensão entre o extraordinário avanço dos conhecimentos e as capacidades de assimilação pelo homem, e a tensão entre o espiritual e o material.

Assim, a UNESCO, numa postura que assume como utópica,

“valoriza a educação como espírito de concórdia, de emergência de um querer viver juntos como militantes da nossa aldeia global que há que pensar e organizar, para bem das gerações futuras. Deste modo estará contribuindo para uma cultura da paz” (Delors, 2001:31).

Face ao exposto, ratifica-se que as expectativas que se tem depositado sobre a escola e o seu currículo, fazem aumentar a necessidade de discussões a respeito de como esta pode organizar-se para proporcionar experiências de aprendizagem mais significativas para alunos, professores e comunidade. Inegavelmente a formação de professores é um ponto essencial para o entendimento mais claro da escola como espaço educativo que ultrapassa a sala de aula e integra-se numa dimensão social e socializadora mais abrangente.

Referindo-se ao Ensino Superior, o relatório destaca:

“... a universidade deve ser a fonte capaz de matar a sede de saber dos que, cada vez em maior número, encontram na sua própria curiosidade de espírito o meio de dar sentido à vida. A cultura, tal como a entendemos, inclui todos os domínios do espírito e da imaginação, das ciências mais exatas à poesia”.

Reconhece o papel da Universidade como um local de cultura e de estudo aberto a todos e a sua participação/contribuição para a transformação da sociedade. Alerta para a necessidade do atendimento/adequação às necessidades dos alunos, em diferentes contextos sem, no entanto “... criar guetos educativos e, portanto, qualquer forma de segregação em relação aos alunos”. Cabe, pois, ao Ensino Superior.

“quatro funções: preparar para a pesquisa e para o ensino; dar formação altamente especializada e adaptada às necessidades da vida econômica e social; estar aberta a todos para responder aos múltiplos aspectos da chamada educação permanente...; e cooperar no plano internacional” (Delors, 2001:150).

Em termos da formação dos professores esta deve ser repensada de “maneira a cultivar nos futuros professores, precisamente, as qualidades humanas e intelectuais aptas a favorecer uma nova

perspectiva de ensino...” caracterizada pela “... necessidade de o ensino contribuir para a formação da capacidade de discernimento e do sentido das responsabilidades individuais impõe-se cada vez mais nas sociedades modernas se se pretende que os alunos sejam, mais tarde, capazes de prever e adaptar-se às mudanças, continuando a aprender ao longo de toda a vida” (id: 157).

No Brasil, o Sistema Educacional vê na formação dos professores/ na qualificação docente um dos seus maiores desafios. A LDB e o Plano Nacional de Educação priorizam-na. Especialmente, no Plano Nacional de Educação (2001), apontam-se os princípios para os cursos de formação. São eles:

“sólida formação teórica nos conteúdos específicos a serem ensinados na Educação Básica, bem como nos conteúdos pedagógicos; ampla formação cultural; atividade docente como foco formativo; contato com a realidade escolar desde o início até o final do curso, integrando a teoria à prática; pesquisa como princípio formativo; domínio das novas tecnologias de comunicação e da informação e capacidade para integrá-las à prática do magistério; análise dos temas atuais da sociedade, da cultura e da economia; inclusão das questões relativas à educação dos alunos com necessidades especiais e das questões de gênero e de etnia nos programas de formação; trabalho coletivo interdisciplinar; vivência, durante o curso, de formas de gestão democrática do ensino; desenvolvimento do compromisso social e político do magistério; conhecimento e aplicação das diretrizes curriculares nacionais dos níveis e modalidades da educação básica”.

A Resolução do CNE/CP n 1º de 15/05/2006 que institui as Diretrizes Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia reza no seu artigo 2º Parágrafo 1:

Compreende-se a docência como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da Pedagogia, desenvolvendo-se na articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, de socialização e de construção do conhecimento, no âmbito do diálogo entre diferentes visões de mundo.

Já no seu artigo 5º que relata sobre o que o egresso do Curso de Pedagogia deverá estar apto:

IV - trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo;

## **Pedagogia Hospitalar**

A Pedagogia Hospitalar é um ramo da Pedagogia que vem sendo adotada por instituições que se preocupam em atender uma demanda que está afastada em virtude de sua enfermidade.

Segundo Matos e Mugiatti (2009 p.37) Pedagogia Hospitalar é:

um processo alternativo de educação continuada que ultrapassa o contexto formal da escola, pois levanta parâmetros para o atendimento de necessidades especiais transitórias do educando em ambiente hospitalar e/ou domiciliar.

Esse campo de trabalho ganhou força a partir de alguns movimentos. O primeiro, embasado no fato de a Constituição Federal estabelecer o direito de todos à educação e saúde, e esses não são direitos que se opõem, mas se completam. Então, não é porque uma criança se encontra doente que ela tenha perdido a capacidade de aprender. É preciso evitar que a criança sofra duplamente, pelo seu estado de saúde e pelo seu distanciamento do seu mundo, sua rotina, suas atividades, seus amigos.

Assim, atualmente observamos o trabalho do Pedagogo no hospital nas seguintes frentes: nas unidades de internação; na ala de recreação do hospital para as crianças que necessitem de estimulação essencial; com a classe hospitalar; com o setor de recursos humanos do hospital; com a equipe de gestão em saúde ministrando e organizando cursos para profissionais que atuam no hospital; com os acompanhantes e/ou familiares dos pacientes por meio de estratégias educativas e pedagógicas, como: palestras, dinâmicas de grupo, orientações e informações didático-pedagógicas.

As atividades lúdicas, no processo de recuperação, têm sido valorizadas como tentativa de superação da angústia e ansiedade frequentes no processo de internação e que podem comprometer o desenvolvimento da criança e o próprio restabelecimento da saúde. Por esta razão, em nosso país, desde 2005, a Lei Federal 11.104/05 tornou obrigatório nos hospitais com internação de crianças, a criação de brinquedotecas. Esse espaço deverá contar com Pedagogos e brinquedistas para a elaboração e desenvolvimento de atividades apropriadas a cada faixa etária.

No desenvolvimento dessas atividades no contexto hospitalar é fundamental que o Pedagogo atue articulado com uma equipe multidisciplinar e que se dedique a conhecimentos de áreas como Psicologia, Serviço Social, Enfermagem para desenvolver uma ação docente que segundo Matos e Mugiatti (2009), provoque o encontro entre educação e saúde.

Porém alguns entraves surgem nesse ponto. Um deles é que o professor ainda é visto pela equipe de saúde como mais um “elemento” no hospital para garantir a política de humanização. Outra limitação para o desenvolvimento do trabalho e a própria formação do professor. Os Cursos de Pedagogia e de Formação de Professores não incluem nos seus currículos discussões sobre o tema de maneira sistemática e formal. Mediante esse quadro, a ação do professor corre o risco de assumir um caráter espontaneísta, humanitário ou simplesmente recreativo. Com essa fragilidade da



especificidade do papel do professor no ambiente hospitalar poderá consolidar na ideia mais uma vez que o hospital é lugar de médicos e profissionais da saúde e não de professores.

Segundo Pimenta (1997) o Pedagogo como cientista da educação está habilitado a atuar no ensino, na organização, gestão, unidades, projetos, produção e difusão de conhecimento nos diversos setores sociais. Também é preparado para atuar nas esferas de dimensões políticas, ética, estética, artística, técnico, afetiva, entre outras, o que vem de encontro com pensamento de Libâneo (2002).

Verifica-se hoje, uma ação pedagógica múltipla na sociedade. O pedagógico perpassa toda a sociedade, extrapolando o âmbito escolar formal, abrangendo esferas mais amplas da educação informal e não formal.

Então podemos dizer que a função do Pedagogo está relacionada a todas as atividades de aprendizagem e de desenvolvimento humano seja com crianças, jovens, adultos ou idosos, operários ou funcionários, obedecendo ao perfil da instituição em que se encontram, pois, o papel do pedagogo também existe longe da escola.

Dadas as habilidades e competências deste profissional é, de acordo com Matos (2009), inaceitável que sua atuação no espaço hospitalar se caracterize somente como processo de escolarização da criança enferma como é o caso da Classe hospitalar.

O pedagogo hospitalar pode promover ações educativas junto às diversas possibilidades no hospital, com vistas ao bem-estar completo, isto é, físico, mental, social, educacional. Ele pode desenvolver ações que atendam por meio de equipes de multiprofissionais a estas necessidades, integrando educação e saúde, visando assim, ao melhor atendimento para as pessoas que ali se encontram nesse momento.

### **Indicadores para a Construção do Saber Pedagógico nas Classes Hospitalares**

De acordo Schilke e Nascimento (2007) a produção intelectual no campo da educação cresceu consideravelmente. O pensamento pedagógico apresenta mais autonomia e racionalidade pelo fato resultado de inúmeras pesquisas realizadas no campo da educação. A partir da década de 90 as pesquisas sobre a temática formação de professores apresentavam três enfoques: A formação inicial do professor, a formação continuada centrada nas políticas implementadas pelos órgãos sistêmicos (Secretarias, Ministérios, etc.) e a identidade e profissionalização docente. Porém esse último



enfoque ainda é pouco explorado. Observa-se que os trabalhos sobre estes assuntos anunciam a necessidade da busca da resignificação das funções elementares da escola e do papel do professor no processo educativo. O fato é, segundo as autoras, que as instituições acadêmicas ainda não assumiram de forma sistematizada a formação de professores para atuar em espaços outros que não a escola. Outro dado relevante indica que as pesquisas sobre formação de professores para atuar em hospitais mostram quanto a formação docente centra-se no cotidiano da escola regular e os cursos de formação de profissionais da saúde não consideram o professor como participante da equipe multidisciplinar que trabalha no ambiente hospitalar.

No ambiente hospitalar o professor trabalha com o referencial do agir e ao mesmo tempo como chave de identificação da ação. Observa-se que o cenário desconhecido e conflituoso que é o espaço educativo hospitalar e o mesmo que impulsiona para uma busca de sentido para o fazer e o agir pedagógico neste espaço.

Segundo as ideias de Gonzáles (2007) o professor de classe hospitalar atua como especialista dentro do campo de ação hospitalar/pedagógica. Seu ponto em comum é a doença e as suas consequências como: emocionais, econômicas, educacionais, etc. Devido às características próprias desta clientela sugere-se que esse profissional tenha uma formação digamos específica. O autor pontua três características desta “formação”: Uma formação inicial, pois quando o professor começa a fazer parte do programa de classes hospitalares é necessário aproveitar da experiência anterior desse docente e não partir do zero. Também se faz necessário uma formação continuada, pois vivemos em realidade em constante mudança e a formação não deve terminar em momento determinado ela deve ser continua e por último uma formação própria porque é preciso adaptar-se aos condicionantes próprios do meio hospitalar ou da criança doente mesmo que sejam os mesmos objetivos ou os mesmos conteúdos que a ação educativa aborde.

Ser professor de classe hospitalar é uma atividade profissional que se realiza em um meio clínico que implica em realizar o diagnóstico psicossocial e formativo da pessoa doente e por outro lado o tratamento individual, familiar e a psicossocial e pedagógica que interfere ou se relaciona com os processos saúde-doença, ensino-aprendizagem, etc.

De acordo com Gonzáles (2007) o professor tem que procurar trabalhar sempre visando à conquista dos objetivos relativos à saúde e a educação e também a tarefa de orientar os membros da equipe de

saúde sobre fatores sociais, higiênicos e pedagógicos para os objetivos acima citados sejam alcançados.

A prática pedagógica- educacional da classe hospitalar segundo Fonseca (2003) e elaborada com base nas interligações de diversos aspectos de sua realidade (a criança, a patologia, os pais, os profissionais da saúde, o professor) e com a realidade fora do hospital (contato com a escola de origem da criança, adequações para a inserção da criança com necessidades especiais na escola regular, encaminhamento de matrícula na escola regular quando da alta hospitalar para as crianças que nunca frequentaram a escola).

Ortiz (2000) lista procedimentos para viabilizar, através das classes hospitalares, a qualidade social que se almeja para a educação. São eles: diagnóstico da situação educacional no interior do hospital (caracterização da demanda em termos da heterogeneidade dos grupos, nível de escolaridade dos alunos, seriação,... aprendizagem); estruturação administrativo-pedagógica indispensável à condição do processo educativo; sistematização de uma proposta curricular específica com habilidades e conteúdos que garantam o preparo do paciente/aluno para o ingresso/retorno à vida escolar; organização de procedimentos didáticos dinâmicos que tornem o ato de aprender um ato de prazer; e a promoção da necessidade do ingresso/reingresso à escola.

De acordo com Fonseca (2003) o professor de classe hospitalar é um mediador entre a criança e o hospital. Ortiz (2003) destaca que é indispensável ao professor ter conhecimento das patologias mais frequentes na unidade hospitalar em que atua para saber dos limites clínicos do paciente-aluno. Mas de acordo com Nunes e Santos (2011) o foco da formação continuada ou em serviço desse professor deve se centrar nas questões pedagógicas. Segundo Sousa (2011) o professor deverá identificar e trabalhar as dificuldades que os alunos apresentam mediando sempre o conhecimento que o aluno possui como o conhecimento escolar.

Para a criança ou adolescente hospitalizado, o contato com o professor e com a classe hospitalar, Fonseca (2003) diz que serve como uma oportunidade de ligação com os padrões da vida cotidiana e com a vida em casa e na escola.

O perfil – pedagógico – educacional do professor de classe hospitalar de acordo com Fonseca (2003) deve ser adequado à realidade hospitalar na qual atua, destacando sempre as potencialidades do aluno, motivando e facilitando a inclusão da criança no contexto escolar hospitalar. A função do

professor na escola hospitalar segundo Fonseca (2011) é trabalhar com os processos de aprendizagem e desenvolvimento do aluno/paciente.

### **Considerações Finais**

Alguns elementos podem contribuir para a ampliação e aprofundamento do tema apresentado neste texto, dentre eles destacam-se: É necessário inserir esse conteúdo (Classes Hospitalares) nos Cursos de Formação de professores e de Pedagogia, se possível, na disciplina Educação Especial/Inclusiva ou nas disciplinas eletivas. Ainda existem muitas dúvidas sobre essa modalidade de educação. A imprecisão conceitual e o desconhecimento, sobretudo da Educação e da Saúde. Confunde-se atendimento pedagógico hospitalar com projetos e programas de humanização. Esse “equivoco” segundo Arosa e Schilke (2011) seria negar o direito de todas as crianças a terem acesso ao saber e deixar essa modalidade da educação sem a interferência direta do Estado Brasileiro delegando a sociedade civil e das políticas públicas privadas a incumbência da sua implementação. Aqui não estamos negando a importância dessa atuação, porém é necessário que se regule as formas de atuação dessas entidades.

### **Referências**

AROSA, Armando C.; SCHILKE, Ana Lúcia. A Escola no Hospital: espaço de experiências emancipadoras. Niterói: Intertexto, 2007.

AROSA, Armando C; SCHILKE, Ana Lúcia. Classe Hospitalar: espaço de educação escolar e processos educativos formais, não formais e informais. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Curitiba, 2011.

AROSA, Armando C; SCHILKE, Ana Lúcia. Classe Hospitalar: espaço de educação escolar e processos educativos formais, não formais e informais. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Curitiba, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações. Brasília, 2002.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. SEESP. Diretrizes Nacionais para a educação especial na educação básica. Brasília, MEC/SEESP, 2001.

DELORS, Jacques (Org.). Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 2001.

FONSECA, Eneida Simões. Atendimento Escolar no Ambiente Hospitalar. São Paulo: Memnon. 2003.

JUSTI, Eliane Martins Quadrelli (Org.). Pedagogia e escolarização no hospital. Curitiba. Ibpex, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e Pedagogos: para quê? São Paulo: Cortez, 2002.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde. Petrópolis. RJ. Vozes, 2009.

ORTIZ, Leodi Conceição Meireles. Construindo Classe Hospitalar: relato de uma prática educativa em clinica pediátrica. Revista Reflexão e Ação, v.8, n 1, p.93-100, jan/jun. 2000